

Valores atribuídos às vendas das estatais

passivo das empresas.....	16,5
valor financiado.....	49,1
valor pago em moedas podres.....	8,9
valor pago em moeda corrente.....	10,7
juros auferidos com a entrada.....	nd

valores que não entraram ou que saíram dos cofres públicos

passivo repassado.....	16,5
juros acumulados sobre as dívidas.....	8,7
investimentos feitos anteriormente.....	28,5
juros sobre os investimentos.....	8,9
pagamentos em moedas podres.....	8,9
dinheiro em caixa.....	1,7
dívidas assumidas pré-vendas.....	16,1
compromissos assumidos aposentadorias.....	incalculável
lucros cessantes.....	incalculável
prejuízos com juros subsidiados.....	incalculável
despesas com demissões pré-vendas.....	incalculável

total.....85,2
Saldo.....-4,1

total.....89,3

Sendo assim fica a pergunta: a quem beneficiou esse processo e aonde se pretende chegar com o modelo de privatização adotado no Brasil?

A partir deste levantamento sobre o processo de privatização no Brasil, tudo nos leva a crer que tal política apresenta resultados diferentes do discurso e dos propósitos

oficiais que baseou sua implantação.

Além de que, perdemos instrumentos estratégicos de política econômica e de promoção do desenvolvimento e da equidade social. Pois como se sabe, numa economia como a brasileira em que ainda há setores e regiões fortemente carentes de acesso a insumos modernos, a indução do de-

envolvimento sócio-econômico é uma tarefa da qual as agências federais de regulação não deveriam se eximir ●

*Ricardo Azevedo Silva é economista, Mestrando em Desenvolvimento Espaço e Meio Ambiente IE/ UNICAMP e bolsista da CAPES.

a nossa política

*José Machado Moita Neto

O livro *I da Política de Aristóteles* traz alguns aspectos interessantes do pensamento aristotélico.

O primeiro é relativo a metodologia usada para enfrentar as questões: dividir os problemas em tantas partes quantas sejam necessárias para o entendimento do todo. Este método ainda hoje tem utilidade didática.

O segundo aspecto interessante do livro *I* é a visão que Aristóteles tem do homem como "animal cívico" que justifica inclusive um livro do autor sobre política. Quantas vezes desejamos isto dos políticos e, contudo, faltamos as nossas reuniões de condomínios?

A visão de Aristóteles sobre a mulher e a criança não apresenta nada de extraordinário pois, traduz apenas a realidade histórica vivida pelo autor. Neste sentido, ele foi um homem do seu tempo. Fora do tempo é a mesma visão aristotélica nos dias de hoje. Basta pensar no machismo que ainda permeia nossa sociedade.

Por fim, em relação à escrava-

tura, a polêmica posição de Aristóteles necessita de uma visão mais ampla sobre a questão. Primeiramente é preciso não defendê-lo: ele foi explícito em afirmar a existência de uma natureza diferente entre os homens livres e escravos apoiando assim a prática comum da escravidão de seu tempo. Além disso, assumiu conhecer posição diferente da sua, que admitia a igualdade de todos os homens e, mesmo assim, insistiu na diferença da natureza em homens livres e escravos. Por outro lado não podemos atacá-lo: ele observou a existência de homens que nasceram para o comando e de outros para a obediência e associou esta visão para explicar a diferença em "natureza" dos homens e justificar assim a escravatura. Percebeu que em alguns regimes políticos há uma alternância de poder que transforma o que comanda no que obedece e vice-versa.

Mesmo deixando de lado a complacência da visão historicista,

podemos claramente identificar o mesmo pensamento aristotélico na ideologia dominante da sociedade que vivemos em relação as classes menos favorecidas.

Portanto, embora não concorde com Aristóteles, percebo que o Brasil, o país das desigualdades, faz eco aos seus pensamentos neste campo. Como serão julgados pela história aqueles cidadãos mais justos de nossa época, inclusive eu, que pagam cento e oitenta reais mensais para uma empregada doméstica e gastam trinta reais em um jantar em um restaurante? Espero que seja com mais complacência que a usada para julgar Aristóteles nestas linhas ●

*José Machado Moita Neto é professor do Departamento de Química/UFPI, Doutor em Química pela UNICAMP. É aluno do Curso de Filosofia da UFPI.